

9 PORTAIS DO DRAGÃO



TRADIÇÃO KUNLUN SHAN XIAN SHU

Conteúdo

Introdução.....	2
Primeiro Portal - Semente Viva de Realização.....	3
Segundo Portal - Filtro dos Desejos.....	5
Primeiro Filtro: a Morte como Conselheira.....	5
Segundo filtro: Consciência do Claro e do Escuro.....	5
Terceiro Filtro: Consciência da Destruição.....	6
Terceiro Portal - Observação do Mundo Natural.....	7
Quarto Portal: Selo do Veneno.....	8
Portão Sul: Não Cuspir Veneno.....	8
Portão Norte: Não Engolir Veneno.....	10
Portão Leste: Não Processar Veneno.....	11
Portão Oeste: Não Cometer Atitudes Venenosas.....	13
Portão Central: Verdade Oculta Interior.....	16
Quinto Portal: Reza de Nutrição.....	17
Sexto Portal: Experimentação Direta.....	19
Sétimo Portal: Pontes dos Mundos.....	21
Oitavo Portal: Pilar dos Mistérios.....	24
Nono Portal: Culto aos Ancestrais.....	25
Resumo dos portais e fundamentos de firmeza no corpo para defesa.....	27

Comentários sobre o texto oral de entrada no Caminho de Kunlun por Monge Tai Yin Yi

Revisão e edição por Yi Liú, Xing Lóng, Jai Yin Yi, Cui Can Yi, Xi Feng Yi

Introdução

Ao caminhar pela senda ancestral do mistério, devemos nos lembrar que “O Grande Mistério” (Xuan Dao 玄道) não é sobre algo que se possa saber, que se possa agarrar ou mesmo que possa pertencer a alguma pessoa ou instituição.

No mais, o mistério não possui forma, nem nome, nem sensação, não possui método e nem é algo que produza alguma sensação ou experiência específica, é algo que já está presente em tudo, nutre tudo, cria tudo e não se agarra a nada. Cultuar o mistério é o caminho, ou Tao (Dao - 道), para encontrar e mover os próprios espaços internos, despertar a força dos sonhos e alinhar a própria existência entre a vida e a morte de forma amorosa, lúcida e respeitosa.

Assim, este mistério é a natureza primordial de tudo o que existe nesse mundo, no passado, no futuro e nas outras possibilidades quase infinitas de manifestação da vida em suas diversas formas e faces.

Esse é o motivo do Tao dos fangshi não trabalhar com iluminação ou busca de evolução espiritual, nem ter conceito de carma a ser pago de vidas passadas, ou mesmo do “despertar espiritual místico”, apesar de termos um senso de desenvolvimento ético. Esses conceitos de outros povos estão presentes em tradições mais modernas de taoísmo, mas somos uma tradição Proto-Taoista e, por conta desta condição, nossos conhecimentos vêm antes das misturas com outras tradições mais modernas. O que nos é transmitido por tradição oral é o que o conhecimento fangshi remonta de mapas que trazem uma sugestão de investigação e estudo, que são fundamentados nos sonhos de um povo através de milênios e que ainda permanecem vivos em nossos rituais e cultos na transmissão da linhagem.

Os fangshi também não possuem conceito de perdão ou de bondade como caminho de virtude. Para nós, a natureza é exatamente como se mostra e temos que lidar com ela de forma lúcida, defendendo a vida sem nos deslegitimar ou sem se forçar a possuir virtudes. Quando trabalhamos em encontrar nossos espaços de forma amorosa e autêntica, as virtudes fluem sem esforço e sem anular nenhuma das partes.

Não é possível controlar ou comandar todos os processos o tempo todo neste mundo, então observar esse mistério do qual tudo flui permite que as forças da natureza presentes em nós encontrem uma forma de se colocarem no mundo, minimizando os danos quando não é necessário e encontrando seus espaços de forma a dialogar com tudo o que existe sem nos anularmos, levando em consideração também as urgências da vida.

Para auxiliar quem busca esse “lugar nenhum”, onde o “não espaço” e a “não existência” podem nortear tudo o que existe, os fangshi deixaram o texto oral dos 9 Portais do Dragão como um caminho na percepção do mistério infinito enquanto fundação do mundo em que estamos neste momento, trazendo o conhecimento de que tudo já está aqui em diferentes níveis de percepção, e que basta abriremos nosso coração para perceber: não há nada melhor ou pior, há apenas diversidade e, com lucidez, podemos nos ligar ou não (quando temos essas possibilidades) ao que nos nutre de forma mais ou menos refinada.

Este é um texto transmitido oralmente por milênios. É importante receber suas chaves e explicações de um professor competente que o tenha recebido por transmissão direta para uma compreensão mais profunda de suas alquimias e fundamentos a partir do próprio corpo. Os textos orais de Kunlun são processos iniciáticos e não são exatamente sobre palavras corretas; precisam fluir de mente para mente e de coração para coração. Aqui temos apenas um guia para rememoração deste conhecimento.

Com carinho,
Monge Tai Yin Yi

Primeiro Portal - Semente Viva de Realização

Quando somos manifestados dentro do útero de nossa mãe, isso ritualiza a força da criação do universo . Uma força que se diferencia do todo, na ousadia de existir por si mesma. Isso inclui não caber e não possuir espaço suficiente, e precisar ocupar e criar caminhos que ainda não existem até que não consigamos mais caber no útero de nossa mãe e venhamos a nascer neste mundo, caso não colapse antes disso.

Só existe aquilo que não cabe nos espaços e precisa criar e defender as próprias sensorialidades.

Neste mundo não é possível que exista algo sem espaço, então é importante criar espaços para que a energia possa fluir. Não é possível obrigar a energia a fluir, só é possível abrir o espaço, e só permanecem abertos os espaços que são nutridos e defendidos. Devido a isto, é importante que a nossa prática possa ser direcionada a realizar algo e que tenha essencialmente um caminho a ser percorrido.

Quando estamos começando a praticar, o nosso objetivo é aprender as práticas e rituais e colocar as referências que eles trazem na nossa vida. Não adianta fazer práticas e rituais se depois essas experiências não são aplicadas no nosso cotidiano e não se tornam hábitos e pontos de onde trazemos nossas referências.

Na China é comum ter professores que estudam o mesmo método por toda uma vida e, mesmo assim, ainda tenham muito a refinar sobre ele.

No entanto, não é o ritual que as pessoas fazem que mostram quem elas são, são as suas atitudes. E não há nada mais autêntico nesse mundo do que colher os resultados dos nossos próprios atos, sejam eles benéficos ou maléficos. A natureza não é um processo de colheita perfeita; ao observá-la, vemos que nem toda ação tem uma resposta direta, nem toda maldade é punida e nem toda bondade é tida como bênção. Isto acontece pois há uma esfericidade nos processos do mundo. Independente de colhermos ou não, imediatamente ou diretamente, os frutos dos nossos hábitos e atitudes, tê-los de forma destrutiva é algo que, mais cedo ou mais tarde, vai nos parar. Por isso é mais inteligente escolher não nos vulnerabilizar trazendo destruição e desgraça para o mundo com nosso potencial, a menos em casos extremos.

O estudo do caminho de abrir e defender os espaços de fluxos energéticos vai ser muito importante no caminho da Alquimia de Kunlun, vai desaguar no que chamamos de “Intenção Pura”: a capacidade de fixar a mente e incubar sonhos, manifestar desejos e sustentar o foco mediante as dificuldades das práticas e das intempéries da vida.

Esse é o real motivo do treinamento exigir disciplina, constância e naturalidade em sua fundação. Tudo que o corpo estimula constantemente se fortalece, e tudo o que deixamos de utilizar se enfraquece e vai atrofiando até desaparecer. Por isso treinamos o cultivo da vida e suas sensibilidades, abrindo e sustentando os caminhos, fortalecendo e nutrindo os fluxos e espaços.

Lembrar-se de onde vem a força em realizar algo na vida, seja cuidar do corpo, melhorar a saúde, a prosperidade, seja dar espaço para organizar a mente ou as forças ancestrais, é o caminho para conseguir sustentar a disciplina e as austeridades na senda de Kunlun. Por vezes, o motivo de praticar vai ser encontrar um motivo para praticar.

Praticar diligentemente é o que nos firma no encontro de nós mesmos dentro do mistério infinito, nos lembrando de esquecer e soltar o que torna miserável a nossa respiração entre o que existe e o mistério infinito. Ao mesmo tempo, se a nossa prática não tem a verdade do que firma a nossa vida, talvez esta não seja uma boa senda para trilhar. Também haverá momentos em que decidimos ou precisamos parar as práticas e isso também é parte da caminhada, o importante é estar ciente do princípio fundamental da vida enquanto se pratica e colher os benefícios de sua prática para si e para o mundo.

Segundo Portal - Filtro dos Desejos

Após a compreensão da necessidade de criar e defender os espaços, é importante ter uma ferramenta de lucidez para que os fluxos não se percam em confusões e o aumento da circulação da energia que as práticas trazem não causem mais danos que benefícios nos praticantes. Por isso, os filtros dos desejos são uma sugestão de medidas que podem alinhar a bússola do coração.

Primeiro Filtro: a Morte como Conselheira

Ao realizar um desejo, quem se era antes dele deixa de existir. O valor almejado vai também desaparecendo como um vapor que vai se diluindo na imensidão. A natureza da vida morre e se renova, então é importante se perguntar: “se eu morrer após atingir determinado objetivo ou após realizar determinada atitude, eu morreria bem ou não? Se esta fosse a última coisa da minha vida, eu estaria bem?”

Isso ajuda a firmar o coração e decidir se algo é uma necessidade ou apenas uma vontade, e se esta vontade tem o nosso coração inteiro. Quando um fangshi resolve atacar alguém, isso geralmente carrega o seu coração inteiro dentro desta atitude. Aconselhamos tentar resolver as questões que nos incomodam quando estão em sua fase inicial, para que uma pequena destruição evite uma grande destruição. A destruição na vida não é um processo opcional, mas quem está lúcido, às vezes, pode escolher pelo que vale a pena destruir ou ser destruído e os danos que podem ser minimizados.

Viver lembrando-se da morte é um caminho para que se possa desfrutar melhor de cada instante. Aqui nós evaporamos e tudo com o tempo também desaparece. A hora de amar, de se cuidar e de ser íntegro é no agora. A hora de dividir seus conhecimentos e o seu melhor também é no momento presente. A cada instante morre-se um pouco mais e cada desejo custa vida... se privar deles também. Então, o melhor é elucidar e seguir.

Segundo filtro: Consciência do Claro e do Escuro

Todo movimento no mundo gera, ao mesmo tempo, coisas positivas e negativas, e é importante pesar o máximo possível as duas partes.

Por exemplo: caso queira comer um chocolate, pode ser muito prazeroso, mas pode também intoxicar o corpo.

Sem essa noção de que tudo gera essa resposta dual, esquecemos de sentir com o corpo o quanto o que trazemos ao mundo pode ser danoso aos outros seres e a nós mesmos, mesmo que pareça algo bom num primeiro momento.

Uma intenção maléfica e destrutiva não se torna em algo benéfico, apesar de suas consequências poderem gerar aspectos positivos também. O melhor é abrir a percepção e não focar em apenas um aspecto de um desejo, levando em consideração que não podemos controlar plenamente os resultados de nossas ações e desejos ou da ausência deles.

Terceiro Filtro: Consciência da Destruição

O mundo aqui presente já é a forma absoluta da realização do mistério: tudo o que pode ser criado e todas as manifestações serão feitas a partir do que já existe aqui. Isto quer dizer que um desejo obrigatoriamente vai destruir algo que já existe ou pelo menos modificar a sua forma.

Não é possível criar algo sem que isso transforme materialmente algum aspecto do mundo. Ao mesmo tempo, os novos caminhos e possibilidades que se apresentam ao longo da caminhada também vão modificando o que já estávamos trilhando antes.

Ou seja, não é possível cuidar de muitas coisas ao mesmo tempo, visto que temos uma quantidade de energia limitada para a transformação no mundo. É melhor prestar atenção em onde colocamos nossa força e empenho, pois isso também faz com que outros caminhos deixem de estar disponíveis.

Aquilo que é invocado por meios mágicos e altera os processos pelos quais estamos passando tende a não ser sustentado, não pelos resultados dos desejos serem maléficos, mas normalmente não conseguimos nem observar a mente sem tentar controlá-la, quanto mais receber algo que foi pedido.

Sabendo que a natureza da realização dos desejos é que, assim que recebemos algo, nem esse algo e nem nós seremos os mesmos.

A saturação é a essência principal da mudança no mundo manifesto. Por vezes, a pior desgraça para um ser é receber exatamente aquilo que deseja. Encontrar-se consigo mesmo é o pior e o melhor que se pode ter nesse mundo.

Entretanto, são os desejos que movem a vida. Os fangshi não os demonizam e nem impedimos que a vida possa ser desfrutada. O que pedimos é que haja respeito, lucidez e afeto na caminhada pelo mistério da existência.

Terceiro Portal - Observação do Mundo Natural

Deve-se polir o espelho da mente e do corpo para que possamos observar a manifestação da vida sem distorção. A realidade é exatamente aquilo que se mostra. A revelação acontece sempre que se presta atenção, e mesmo as forças menos aparentes no mundo geram atitudes e movimentos. Não há algo aqui que não seja fundamentado na revelação do mistério original em forma e existência. Até mesmo os segredos geram padrões e manifestações, por isso é importante estar atento ao que se mostra para nós, não ao que queremos ver.

Sobre as nossas paixões e alucinações, os fangshi treinam a sua mente e seu corpo para observar o mundo como ele se revela e lidar com ele desta forma. Não com possibilidades potenciais, mas sim com a realidade que se mostra à nossa frente. Até que algo se revele no mundo da forma, ainda não existe. Essa é a diferença entre possibilidade e fato. É importante observar as possibilidades, mas na vida lidamos com os fatos.

Os oráculos e estudos científicos trabalham com possibilidades, mas a vida pode assumir qualquer uma delas, por isso os fangshi não possuem um conceito de destino e nem certezas absolutas. Não acreditamos em nada, nem duvidamos de nenhuma possibilidade, mas trabalhamos com aquilo que conhecemos e investigamos o desconhecido sem nos agarrarmos a nada.

Isto é observar a natureza interna e externa, acolhida de forma crua e direta.

Olhar o mundo com paixão e com idealização não é o melhor caminho nem para a transformação de si e nem do próprio mundo. É possível sim refinar algo, mas até a alquimia dos metais precisa considerá-los da forma que se apresentam antes de poder lapidar ou mesmo separar os materiais.

Ao observarmos os padrões da natureza que se manifestam em nosso interior e no mundo ao nosso redor, por vezes nos escondemos deles, por vezes nos defrontamos com nossas ilusões explodindo na nossa frente, ou nos emocionamos com as maravilhas. Assim podemos entender melhor como nos portamos e nos nutrimos do mundo.

É comum perder muito tempo lutando contra a natureza ou tentando lidar com o mundo por conceitos que acreditamos serem “corretos ou ideais” ao invés de observarmos o que se mostra. Essa é a chave de como podemos nos proteger ou estabelecer acordos e limites mais lúcidos.

Meu mestre dizia: “Imagine dois animais lutando por um pedaço de carne, um deles pega tudo para si e sai correndo. O outro senta e chora pela vida ser injusta, fica vulnerável, não percebe o ambiente, surge outro animal e o devora.” - a distância da lucidez sobre a natureza nos torna vulneráveis e totalmente ignorantes com relação a como realmente este mundo se fundamenta.

Aqui, tudo o que está vulnerável pode ser invadido. Por vezes não ocorre, mas não é a regra.

Ou nos alinhamos com as forças naturais, ou passaremos a vida lutando contra elas. Isso não é sobre maldade ou sobre o mundo ser cruel. O mundo é vasto e diverso, mas quem decide se guiar por idealizações, de forma geral, ao invés de resolver o que o prejudica, só piora a situação.

Como ensinam os antigos fangshi: “preste atenção e poderá ver, tudo neste mundo se revela, não há nada aqui fora do lugar, nem a revolta e as ações contrárias. Tudo segue o caminho natural. Não é preciso aceitar nada, só lidar da melhor maneira possível.”

Quarto Portal: Selo do Veneno

Tudo que é invocado neste mundo passa pelo corpo, seja o que sentimos, o que desejamos, nossas atitudes, a falta delas, o que rezamos, o que manifestamos e o que liberamos.

Deste modo, as instruções orais para reduzir e nos proteger dos venenos gerados por nós e pelo mundo são:

Portão Sul: Não Cuspir Veneno

Cuidar do que se está falando: não preencher suas palavras de veneno ou inventar coisas para prejudicar as pessoas. Se criticar, não faltar ao respeito e, quando precisar difamar alguém, fazê-lo através de experiências pessoais: tudo o que temos por opinião acerca do mundo é sobre nós, não sobre os outros, cada um sabe de si.

É importante ter cuidado para não descarregar suas dores e histórias no próximo sem antes perguntar se há interesse em ouvir. Não forçar espaços nos outros quando eles não existem e não houver interesse autêntico em criá-los como uma forma de troca. Caso tratemos nossos semelhantes sem esses cuidados, também não podemos exigir que tenham conosco.

Faz parte do cuidado consigo mesmo verificar se o coração tem espaço para que possamos adentrar no espaço do outro. É comum as pessoas utilizarem as palavras para invadir, ou querer usar o outro como um mecanismo para se organizar sem acordar isso previamente. Invadir as pessoas é um mecanismo extremo e não deve ser utilizado sem uma necessidade extrema. Para invadir o outro, antes eu invado a mim mesmo, e não há outra forma de fazer isto.

Nem todo mundo é amigável, e o que temos para dizer não é tão importante, a menos que se faça questão que seja e que se esteja disposto a bancar isso.

Este selo está ligado à parte da frente do corpo e ao Pássaro Vermelho, o protetor do Verão, e diz respeito a cuidar melhor do fogo da comunicação e da invocação de manifestações no mundo. Quem vomita veneno no mundo deve estar disposto a engoli-lo. Quem traz veneno ao mundo não consegue se defender dele.

Não há nenhuma divindade ancestral no mundo que possa proteger alguém de sua própria língua. Isso também vale para os feiticeiros que resolvem trazer maldições para o mundo sem uma necessidade extrema. A maldição, antes de ser lançada, passa pelo corpo de quem a está lançando. Então, caso não esteja disposto a tornar o seu corpo uma maldição, não mexa com isso.

Há também maldições disfarçadas de benção, muitas vezes disfarçadas de ajuda ou de emanção de energia positiva, mas que só diminuem o potencial do outro. É preciso polir a mente e sair dos idealismos e paixões para poder também polir a própria língua. Assim, quando decidir atacar, que seja com a sinceridade do coração e com respeito, não com maldade ou manipulação.

A comunicação é essencial no encontro de soluções, barrar algo prejudicial ou atender a uma necessidade. Isto pode ser feito de muitas maneiras e é preciso ter cuidado para não escolher as piores. Há espaço para tudo no mundo, desde que esteja elucidado.

“Polir a língua” e a própria comunicação são os fundamentos deste selo, utilizando o próprio veneno de forma lúcida para barrar o que está causando danos, medindo a dose e o que pode ou não ser exposto e a forma de como deve ser comunicado. Aguardar que o mundo se compadeça de nossas dores e necessidades sem que

façamos nada é uma forma de auto anulação e auto agressão. Tudo o que é vivo se defende, e aquilo que fica recebendo danos e não canaliza esses venenos, acaba por sair vomitando venenos no mundo. Este não é o caminho ancestral para o qual o veneno foi criado. Ele é a própria reza de defesa da vida, sagrado e precioso, é custoso de produzir, não deve ser desperdiçado e nem se perder uma oportunidade de utilizá-lo, de forma medicinal, afastando o que é danoso.

Portão Norte: Não Engolir Veneno

Há vezes em que não estamos nos sentindo muito bem e, por isso, buscamos por desgraças e informações de pessoas e situações de condições piores que as nossas. Nada une mais uma comunidade do que o ódio comum, e este é um princípio da natureza.

No entanto, para quem está buscando se alinhar com os espaços do mistério infinito, é importante não dedicar a sua energia a ouvir e tomar conhecimento de desgraças e dores do mundo de forma contínua. Há sofrimento em todas as partes, mas também há maravilhas.

Isso não significa que devemos nos tornar alienados do mundo, mas ficar caçando desgraças e dissabores da vida quando não se pode fazer nada a respeito disto é apenas uma forma de se agredir.

O mestre Zi me falava sempre: “semeie onde floresce.
Coloque a sua energia onde ela pode te nutrir com vida, respirar com você.”

Este é um selo que é guardado pela Tartaruga Serpente Negra, protetora do Inverno, e também diz a respeito de cuidar da nossa curiosidade, do que enfiemos nos nossos ouvidos.

Há uma tendência natural à curiosidade pelo que é oculto e maléfico, mas não há nada que seja maléfico por natureza. Existem forças contrárias e destrutivas para determinadas situações que em outras são medicinais.

Para se obter conhecimento completo e verdadeiro é preciso se ter noção da luz e da escuridão com igual profundidade e, para que isso seja possível sem se corromper, precisamos saber distinguir muito bem o que nutre e o que envenena, suas dosagens e até onde podemos ir no momento de vida em que estamos.

Alguém que sente prazer em saber da dor dos outros, que se sente melhor por saber de algo que não é compartilhado abertamente, que se coloca acima ou abaixo das outras manifestações da vida, ou que acredita que está numa posição onde tem o

conhecimento absoluto para ajudar ou mudar o mundo, com certeza se perderia ao mergulhar nos abismos e espaços infinitos, perdido do próprio corpo e se ligando à miséria ou à tentativa de subjugar os outros. Lucidez profunda custa muito caro, exige a aniquilação completa do que acreditamos ser e da nossa visão de mundo.

Há muitas maledicências no mundo, mas é preciso saber levar nosso corpo até onde os espaços infinitos em todas as coisas se abrem, sem se agarrar a nada. Aqui também está a importância de ter um professor que pratica no seu cotidiano e cultiva a sua essência verdadeiramente. Caso isso não seja possível, esse professor vai mais atrapalhar do que ajudar, e ser atrapalhado também é um bom caminho para poder encontrar o próprio centro.

Sofrer pelo outro não alivia a dor dele, apenas a multiplica no mundo. Mesmo que traga conforto saber que alguém vê e entende a nossa dor, querer que outro sofra porque estamos sofrendo não é algo gentil ou amoroso, e transfere a nossa dificuldade de maneira injusta. Se algo dói em nós, cabe a nós trabalhar esta dificuldade da melhor maneira possível para que se possa afastar o que nos causa dano.

A escuta verdadeira leva em consideração o infinito em nós e a não se ligar ao que traz desgraça para vida. Desta forma podemos trabalhar para estar o melhor possível que conseguimos. Quem está ocupado com isso não tem tempo para ficar ouvindo desgraça que não vai levar a nada.

Polir os ouvidos para se ligar ao que floresce, ao que podemos transformar e ao que de fato nos alimenta é o caminho.

Portão Leste: Não Processar Veneno

Este selo está ligado ao lado direito do corpo e ao Dragão da Floresta, o protetor da Primavera.

Não processar veneno se refere a não ficar nutrindo em nós as dores e desgraças da vida, mas sim alinhá-las e focar no que realmente importa: nossas feridas, o que nos incomoda, nos machuca, às injustiças e as amarguras da vida e elucidá-las para que elas não voltem a se repetir do mesmo modo.

O mestre Zi ensinava: “quando um espinho entra no seu corpo, o mais importante é barrar a sua entrada, e não de onde ele veio ou qual era seu propósito, depois cuidar das feridas para que melhore e ficar atento para não se machucar de novo.”

Ao invés disso, a maioria das pessoas querem ser ressarcidas por terem sido machucadas, muitas vezes esperando que o espinho reconheça o seu erro e diga que sente muito pelo dano causado.

Isso realmente pode ser importante, talvez para o próprio espinho, mas não ajuda em nada na ferida causada e, de forma geral, só nutre o orgulho de uma forma ignorante: “eu, na minha imensa bondade, reconheço a sua imperfeição diante do seu erro comigo, agora que você se rebaixou, está tudo certo”.

Este é o principal motivo dos fangshi não terem conceito de perdão.

Não se perdoa um espinho por ele ser espinho, nem se vinga dele por isto, apenas se lida com ele.

Quando alguém nos fere a primeira vez, a responsabilidade é de quem nos feriu. Mas quando nos fere uma segunda vez, já tendo revelado a sua natureza, a responsabilidade é nossa.

A instrução sobre não processar veneno está em aplicar a nossa energia em estar bem e evitar novos danos, ao invés de buscar algum tipo de reparação emocional sobre o que aconteceu, ou mesmo querer diminuir o outro por algum motivo. Cada um entrega o seu melhor, mesmo que seja péssimo.

É mais produtivo cuidar de si e alinhar o que está trazendo vulnerabilidade ao invés de ficar tentando entender a lógica da vida ter colocado no caminho algo que fez mal. Nem sempre a vida é lógica ou faz sentido, essas são apenas possibilidades dela.

Se cada um cuidar bem de si, isso floresce e transborda. Quando nos sentimos bem e encontramos em nós espaços amorosos, queremos que os outros seres também possam se sentir bem à sua maneira. Esse é o cerne do cultivo do mistério.

Isto não quer dizer deslegitimar o nosso sofrimento e angústia, nem que não devemos sentir algo, mas ficar remoendo as feridas por muito tempo apenas vai drenando a força da vida, e não nos focamos onde realmente importa que é no respeito a nós e no que nós queremos consolidar no mundo através das nossas ações e daquilo que escolhemos nos afastar.

É importante o cuidado de não confiar cegamente naquilo que não conhecemos, mesmo nos processos espirituais. Confiança é um processo que leva tempo e constância. Quando algo mostra não ser confiável, isso não volta atrás, o

desrespeito não se torna em respeito. É preciso romper e criar outra relação e, muitas vezes, é conosco mesmo.

Portão Oeste: Não Cometer Atitudes Venenosas

Este selo fica do lado esquerdo do corpo e é protegido pelo Tigre Branco, o protetor do Outono.

No mundo não controlamos diretamente o que somos e nem plenamente estamos lúcidos de nossas atitudes o tempo todo. Apesar disto, são nossas atitudes que expressam a nossa força nesse mundo. Quando percebemos que estamos fazendo algo em desacordo com o nosso coração, é o momento de programar parar.

Por isso, é importante alinhar o coração e purificar a nossa bússola interna, cultuando nossos antepassados, trazendo uma elucidação mais profunda dos padrões que trazemos da nossa família e de como nos sentimos sobre nossas atitudes, sobre como reagimos ao que a vida traz à nossa frente e como conduzir quando vamos nos portar diante dos outros.

Não adianta fazer práticas e rituais caso não vá aplicá-los na vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a própria vida nos refina, ensina e lapida, por isso a necessidade de trabalhar com afeto, lucidez e respeito, principalmente sobre nossas atitudes diante dos que estão mais vulneráveis.

As forças destrutivas e maléficas emergem naturalmente do nosso ser diariamente, é parte da nossa natureza e nos cabe elucidá-las para que ao invés de causar danos desnecessários possam nos lembrar de proteger a nós e ao nosso entorno, ou seja, elas também precisam de espaço e de cuidado, são parte da loucura existencial, o que não torna legítimo ferir e destruir unicamente por poder fazer isto. Estes atos vão causar sofrimento a algum ser, mesmo que não voltem diretamente para nós, fere nossos companheiros de jornada. É importante que essa energia mais bélica possa ser canalizada, pois é potencial de aberturas de caminhos e de criação e comunhão com a vida. Se a desperdiçamos criando desgraça sem propósito, não haverá espaço para construção benéfica.

Não há nenhuma divindade ancestral no mundo que proteja alguém de atitudes venenosas, propositais ou não. Não há nada mais autêntico do que colher as consequências de nossas atitudes, seja por não podermos nos esconder de nós mesmos ou pela forma do mundo responder ao que cultivamos.

No entanto, quando optamos por atitudes destrutivas, ou quando não estamos lúcidos do que estamos fazendo, vamos nos vulnerabilizando e, mais cedo ou mais tarde, algo vai nos parar.

Para os fangshi não existe a “lei do retorno” como um mecanismo único de resposta da natureza, ela é diversa e podem ocorrer muitas coisas, inclusive nada. Para respirarmos nesse mundo, matamos muitos seres. Se o universo fosse nos cobrar por isso, a existência seria uma dívida eterna. Isto não legitima ninguém a destruir por maldade, apesar da maldade ser importante no mundo como mecanismo de transformação. Quem quer cultivar a própria energia e seguir o caminho dos ancestrais precisa se responsabilizar em cuidar o melhor possível das próprias atitudes, não por uma punição cósmica, mas por entendimento.

O mundo se mostra conforme nós caminhamos por ele, e isso se dá pelas nossas atitudes ou a falta delas. Dizer que o que se mostra a nós é um espelho é muito mal interpretado nos dias atuais. As coisas que nos acontecem não são obrigatoriamente culpa nossa, nem parte do nosso destino ou do nosso caminho. Há várias coisas aleatórias ocorrendo ao mesmo tempo, nem tudo segue uma lei lógica e nem tudo é sobre nós e nossas atitudes (ou falta delas). Isto está em nós também: somos aleatórios por natureza, não completamente, mas somos também.

Ao mesmo tempo, a vida costuma trazer padrões que nós mantemos como busca de desejos e necessidades, e isso só muda quando nós mudamos. Isso pode dar a impressão de que esse é o nosso destino. Mas, na verdade, só estamos fazendo as mesmas escolhas com a sensação de caminho seguro e possível. Por vezes, isso dá a impressão de que nós temos responsabilidade sobre o que nos acontece sempre, e isso é um forte delírio. Apesar disso, é bom podermos escolher minimizar nossas atitudes destrutivas e maldosas, e direcionar estas forças para onde elas sejam produtivas.

Escolher as atitudes pela miséria e pela vulnerabilidade de alguém espelham o que temos no nosso coração. O mesmo vale se escolhemos o afeto, a generosidade e o respeito com os outros seres.

Neste mundo só existe aquilo que é ritualizado, que possui forma e que é expresso: desde o nascer do Sol, o canto de um pássaro, a passagem das estações, as trocas amorosas entre as pessoas, etc. Potenciais sem expressão não existem, só existe nesse mundo o que pode ser expressado e é nisso que precisamos trabalhar, este é o perfeito possível, todo o restante é apenas uma fuga da realidade. Os rituais podem ser aperfeiçoados até um limite máximo, mas isso requer que eles sejam acolhidos e praticados, entregar o melhor possível é o norte para que a maravilha floresça.

Então, quando se age no mundo é como abrir um ritual. É importante estar atento ao que se está fazendo, pois tudo o que se manifesta neste mundo cobra um preço, independente de sabermos ou não o que estamos fazendo, mas é pior ainda se causamos dano de propósito sem que haja uma necessidade real.

É preferível, quando for ofender alguém, que seja de propósito, polido e estruturado, pois a intenção diante da ação se cala e, depois que a ação se materializa no mundo, é irrelevante o que a motivou perante ao que ela causa.

Matar um animal sem querer ou por querer não muda a situação se o bicho foi morto, nem pedir desculpas ou se arrepender. Por isso é importante estar atento às atitudes, lidar com os resultados das ações no mundo mais cedo ou mais tarde é inevitável, e cada um sabe de si ou deveria saber.

Um norte que ajuda a cuidar melhor das atitudes é saber se essa atitude seria bancada publicamente, nada fica oculto para sempre. Os chineses dizem: “não quer que ninguém saiba, não faça.” Quem não banca as próprias atitudes não se defende das atitudes venenosas do mundo, e pior ainda se agir de forma maldosa de propósito, isto é uma porta aberta para perder energia, e não é possível cultivá-la.

Todos nós possuímos forças destrutivas dentro de nós, e é impossível que elas não emergjam na nossa mente e no nosso coração, por isso é importante ter espaço para elas. O que podemos fazer é direcionar essas intenções de forma lúcida, evitando causar desgraça no mundo desnecessariamente e polindo o que nos incomoda para que possamos encontrar uma atitude mais coerente. Há poucas situações na vida em que precisamos de uma atitude imediata, a natureza se mostra à nossa frente, e cabe a nós a decisão de estar inteiros nas nossas atitudes ou não.

A inteligência primordial da vida se defende. Tudo o que é vivo se defende, e defender é a atitude primordial do afeto. A Terra não nos pede cura, e nós não teríamos essa capacidade. O que ela nos pede é: pararmos de nos machucar e de machucar a vida, utilizando a força destrutiva em nós para defesa e prosperidade primeiro em nós, depois na nossa comunidade.

Portão Central: Verdade Oculta Interior

Este portão está ligado ao espaço entre as estações, e a divindade oculta que surge a partir das quatro estações.

Os fangshi falam muito sobre o esconder: não mostrar, não ser encontrado, esconder magicamente.

Apesar disso, é importante não nos escondermos de nós mesmos. Nem sempre estamos em um local seguro para expor o que pensamos e sentimos, mas este local não deve ser o nosso corpo e a nossa mente com relação a si mesmo.

Há pessoas que mentem tanto e criam tantos padrões falsos sobre si ao invés de apenas sentirem e organizarem o que sentem que acabam perdendo qualquer ligação autêntica com seu corpo ou com a naturalidade da vida, ficam soterrados em expectativas e respostas condicionadas sociais que acabam por obscurecer a própria lucidez acerca de si.

A ligação mais importante de alguém que procura navegar no mistério é estabelecer um diálogo sincero com o próprio corpo e mente. As experiências diretas não precisam de comprovação externa, pode-se conversar sobre elas e também não se deve levá-las muito a sério, mas é preciso poder organizar o que se sente ser importante e também trazer afeto sobre os processos e sobre o que e quando soltar.

Sem a conexão interna com o próprio centro não há como organizar mais nada na nossa existência. Se estamos colapsados e fragmentados, é também o que temos para oferecer ao mundo e também o que vai nos afinizar nele. A vida não obriga ninguém a ser integral, mas ninguém escapa de encontrar consigo mesmo, mais cedo ou mais tarde. O outro e a relação que estabelecemos com ele é apenas um espelho da nossa relação conosco mesmo; o que se permite, o que não se gosta e o que nos atrai é mais sobre nós e nossos hábitos cotidianos do que sobre o mundo em sua vastidão.

Quinto Portal: Reza de Nutrição

Uma das primeiras instruções tradicionais dos fangshi para quem quer se aventurar no vôo aos mistérios ancestrais é “prestar atenção ao que se coloca na boca”.

Quando falamos do que “se coloca na boca”, não nos referimos só aos alimentos, mas sim ao que expomos o nosso corpo e a nossa mente. É importante refletir se de fato alimentam a essência da vida ou se arrastam a existência abduzida em relações destrutivas conosco mesmo e com os outros seres.

Quem não presta atenção ao que alimenta a vida no próprio corpo e não se responsabiliza por oferecer para si mesmo o melhor possível, não tem como desabrochar e nem sustentar os estados mais elevados. A generosidade parte de uma auto-nutrição profunda, e isso é responsabilidade de cada um consigo mesmo. O conhecimento dos grandes sábios do passado surge da cozinha e da sobrevivência nas selvas e montanhas.

Por vezes no nosso caminho não foi possível nutrição adequada: não só de alimentos físicos, mas também de alimentos emocionais, espirituais e de referências finais sobre a vida. Uma vez que decidimos trilhar os caminhos ancestrais misteriosos, para que isso seja sustentável, precisamos iniciar uma nutrição profunda do nosso ser.

As práticas, os conhecimentos de Bukai, os rituais com as deidades e o compromisso com a própria saúde, as atitudes para consigo e com os semelhantes, são o que sustentam e florescem a nossa caminhada. Como diria a minha tradição familiar consanguínea: “saco vazio não pára em pé”.

A nossa capacidade de nutrição e digestão em vida também é limitada; se não escolhermos bem o que colocamos para dentro de nós, as coisas nocivas vão ocupar o espaço do que poderia nutrir. Costumes nocivos não corrigidos se tornam hábitos. Hábitos nocivos trazem vulnerabilidade e destruição ao nosso corpo e, quando passamos por dificuldades, eles podem piorar mais ainda as nossas condições. E aqui não falamos apenas de alimentos, mas de tudo o que pode ser repetido na nossa vida.

Por vezes optamos pelo prazer dos sabores, das sensações efêmeras e mais fáceis de lidar, e aliamos a estes hábitos a falta de disciplina e de hábitos saudáveis. Sem uma nutrição de vida diversa, haverá um momento em que seremos devorados pelos prazeres, tornando-se uma fuga da realidade, cobrando cada vez mais vida e nos tornando mais miseráveis. É importante termos prazeres também, mas isso não

deve ser o norte. A natureza é vasta e diversa, alternância é o caminho do movimento das estações e é o que renova a vida no nosso planeta.

A minha mestra de medicina dizia: “cuide-se como a coisa mais preciosa da sua vida, como se fosse uma flor que vai oferecer ao Grande Mistério para expressar todo o amor e fúria que podem caber no seu ser, e como se a sua força fosse se tornar alimento da força de muitos outros que trilham o mesmo sentimento e precisam dos mesmos cuidados; seja referência do que você quer que exista no mundo e nutra-se para sustentar isto, toda forma de vida é uma referência, nossa vida e nossas atitudes nutrem a vida no mundo”.

No fim, o que de fato se mantém é aquilo do que estamos alimentados, não o que nós queremos mostrar que somos. Escolher com atenção o que vai se alimentar e os alimentos que vai oferecer ao seu corpo, à vida e ao mundo, esta é a força que pulsa e circula nas veias, é a ligação íntima do estômago com o coração. O que circula em nós é a digestão daquilo que oferecemos ao nosso corpo, sejam alimentos, sejam exercícios, seja afeto, seja descuido ou violência.

Nesse mundo, tudo o que não é alimentado define e perece. Algo só permanece no mundo mediante a sua nutrição. Nosso corpo precisa de diversos tipos de nutrição: alimento, exercícios, medicações, afetos, diversão, dores, jejum, entre outros.

Quando falamos de saúde, minha mestra dizia: “exercício a gente não pensa se gosta, a gente apenas faz.”

O mesmo vale para nutrição e para cuidar da saúde; não é sobre o que temos preferência ou sobre o que nos dá prazer, mas sim sobre o que traz o necessário para sermos alimentados. O preço de não nutrir o corpo e a mente é tê-los desprotegidos e, assim, eles tendem a definir mais rapidamente e não permanecemos muito tempo neste mundo.

Quando deixamos de exercitar alguma habilidade, ela vai desaparecendo. Os chineses têm um ditado: “treinar um dia melhora suas habilidades, mas deixar de treinar um dia te faz voltar 10 dias no treinamento.”

É importante que aprendamos a colocar na nossa rotina hábitos de nutrição e cuidado, desafios e desconfortos a serem vencidos, para que possamos estimular a força da vida em nós. Os prazeres também são importantes, mas esta é apenas uma das nutrições que temos que cuidar. Quem vive apenas pelos prazeres está fadado a ser devorado por eles também, e assim também acontece com qualquer outro hábito sem alternância na nossa vida. Isso é o que chamamos de “mudar com as estações”.

Quando vamos colocando costumes saudáveis, eles se tornam hábitos. Quando cultivamos e mantemos os hábitos, eles se tornam uma forma de rezar pela nossa saúde e bem estar, como o coração pulsando e bombeando sangue por todo o corpo, e isso transborda. Nos sentindo bem, também queremos este bem estar para a nossa comunidade e pessoas com buscas semelhantes. Essa é a natureza verdadeira de rezar para nutrição, dar valor ao esforço do nosso corpo e existir neste mundo apesar de todas as dificuldades. O coração é o barco que nos transporta na jornada por aqui, e só nos abandona quando deixamos este mundo. Até lá, está aqui pulsando e cuidando o melhor possível de nós, tendo como recurso as oferendas que fazemos a nós mesmos.

Sexto Portal: Experimentação Direta

O encontro consigo mesmo é a essência do fluxo da vida no nosso corpo. Sentir por si e viver a experiência é o caminho mais eficiente para assimilar algum tipo de conhecimento. O corpo possui mais inteligência do que a nossa capacidade de racionalizar: a razão é parte da mente e do corpo, assim como a intuição e as outras habilidades que temos para sentir e organizar a vida.

Via de regra, as pessoas querem controlar como se sentem ao invés de apenas observarem e dialogarem com as sensações, ver o que é possível fazer e procurar ajuda quando precisar. Quando se é afetado pela vida e interage com ela, estabiliza-se a comunicação entre Céu e Terra, Mistério e Forma, ancestralidade e atualidade. O corpo sempre escolhe o caminho mais afetuoso, mesmo que esse caminho seja não reverter uma condição ruim de saúde ou a morte. O corpo sempre entrega o seu melhor dentro das condições que oferecemos a ele. O mesmo vale para o aprendizado: alinhamos e sentimos os benefícios de qualquer experimentação que fazemos e passamos a utilizar as referências conforme vamos nos acostumando e nos sentindo melhor. É como construir caminhos sinápticos de existência, que precisam ser revisitados e, por vezes, corrigidos. Esta é a importância de se exercitar fisicamente e mentalmente, realizar rituais, práticas, experiências diversas e rever como se relaciona consigo e com o mundo de forma constante, sem se abandonar.

O corpo sempre busca se sentir bem, essa é a natureza mais primordial da inteligência da vida: até quem se suicida ou causa mal a outra pessoa está de alguma forma tentando se sentir melhor.

Também não podemos expressar o nosso afeto livremente em todos os locais e situações, é preciso lucidez para saber onde isso cabe ou não, tomando cuidado

para não nos dessensibilizarmos a nós mesmos ou ao ambiente em que estamos expostos.

Afeto é a força primordial que conecta todas as formas de existência no mesmo mistério. Uma vez que deixamos de sentir, também perdemos a empatia e vamos nos desumanizando e, ao mesmo tempo, se os afetos se abrem sem lucidez e uma estruturação mínima, levam ao colapso.

No treino de alquimia dos fangshi, a sensação é o parâmetro mais importante e normalmente leva tempo para ser estruturado. Tradicionalmente, as sensações são mais poderosas próximas dos professores e é comum levar alguns anos de treinamento para conseguir chegar aos mesmos estágios sozinho, visto que a nossa prática une integralmente o corpo à todos os processos. Literalmente é uma alfabetização sensorial, e a alquimia é baseada em provocar fenômenos e dialogar com eles.

É através da experiência direta que construímos a nossa caminhada como alquimistas. Por mais que os mapas de estudos dêem sugestões e previnam os perigos e dificuldades, precisamos estudar no nosso corpo e na natureza a força das transformações que fundamentam os conhecimentos antigos e o Grande Mistério.

Não há necessidade de ter medo de sentir nada caso o praticante se proponha a elucidar as sensações, não agarrá-las como absolutas, mas tê-las como pontos de partida para estruturar e refinar os diferentes pontos de vista. A natureza se refina diante da mente consciente por sua natureza primordial: quando a mente tem espaço, ela naturalmente dá forma, estrutura, organiza e dissolve o que se apresenta à nossa inteligência.

Mesmo que se tenha uma sensação maldosa e destrutiva, ao percebermos o preço que isso cobra do nosso corpo e avaliarmos se realmente vale a pena prejudicar o outro sabendo que vai causar danos e prejuízos, vamos elucidando o nosso sentir e nos deparamos com nós mesmos.

Sentir por si e tomar referências alheias são os únicos meios de alinhar a bússola do coração, e a grande maioria das estruturas levam tempo e repetição para irem se consolidando e serem liberadas.

Minha mestra de medicina dizia: “a vida é uma cebola infinita, sempre há mais camadas.”, se referindo ao fato de que a existência é um processo constante de transformações. Não haverá um momento em que não há mais nada a ser aperfeiçoado, e o sentido da vida também não é sermos um cadáver sábio perfeito. O fundamento da vida está em senti-la, dialogar com essa força ancestral que se

revela à nossa frente e, mediante isso, fazer o nosso melhor possível ou mesmo “não fazer”. Navegando nessa imensidão de forças convergindo e colidindo, vamos navegando pelo mistério sem fim.

Por vezes, sentimos a necessidade de construir referências por experiências destrutivas, sabendo que algo pode nos machucar, e mesmo assim decidimos seguir por esse caminho. A experimentação da vida inclui também se permitir, e pode trazer grandes benefícios; só é mais saudável conseguir sair da experiência enquanto os danos sofridos ali ainda são reversíveis. Escolhas ruins trazem muita sabedoria quando rompemos os ciclos, então pode ser um caminho válido, mas é importante também que não seja o nosso modo operante de sentir a vida. Assim como o corpo escolhe pelo afeto, nós também podemos aprender através do afeto.

A lapidação da vida ocorre pelos danos e ajustes das nossas experiências, pela fuga e mergulho no tédio, e a capacidade de criar e dialogar com o mundo. Conforme vamos ficando mais lúcidos e mais lapidados, vamos querendo cada vez menos danos a nós e aos outros seres. Este padrão é fundamental para quem quer cultivar a essência da vida no próprio corpo, e exige uma conexão com essa necessidade de querer parar de se destruir e de destruir o mundo, buscando assim um espaço onde possa se organizar, se acolher e, ao final do tempo da sua permanência neste mundo, se extinguir da forma mais plena possível.

O preço de algumas experiências é a saúde ou a própria vida, e cabe a cada ser definir do que quer tentar se esconder ou ao que está disposto a se expor, mas nem sempre a vida nos dá essas escolhas. Quando tiver a boa sorte de poder escolher, o conselho é escutar o corpo antes de abrir uma nova jornada e tornar-se a experiência que o teatro da vida irá encenar.

Sétimo Portal: Pontes dos Mundos

Relaxar significa abrir os espaços onde a percepção e as geometrias da existência estão comprimidas. Entre cada uma das nossas estruturas corporais há um espaço de manifestação misteriosa, e este é o motivo de treinarmos a alquimia das memórias: fortalecer o corpo, a respiração e os treinamentos de tornar perceptível os campos sutis do nosso corpo e do ambiente. Se o corpo está fraco, ele entra em colapso, ficamos preguiçosos e doloridos, assim a essência da vida no nosso corpo vai se esvaindo, e este é o motivo da importância de proteger e cultivar a vitalidade no nosso corpo. Quanto mais debilitados ficamos, mais difícil é manter a saúde e a sensibilidade da vida presente em nós.

Conforme vamos abrindo a nossa percepção ao mistério, aplicando suas ciências em nós e em como nos relacionamos com o mundo, fica cada vez mais fácil se liberar e deixar nosso personagem humano para o que é indiferenciado do mistério da vida; navegar e habitar todas as formas e também aquilo que não possui forma.

Seja no mundo material, no mundo dos sonhos, nos mundos de vigília e nos estados intermediários ou no mundo sem forma, é muito importante que possamos manter o respeito, a lucidez e o afeto.

Não importa onde estivermos, é importante estarmos inteiros.

Muitas pessoas por vezes dizem: eu não me lembro de estar sonhando durante os sonhos. Isto se deve ao fato de não se lembrarem que estão sonhando durante seu tempo de atividades cotidianas, se esquecendo que o nosso tempo neste mundo é uma gota de realidade na imensidão do mistério, que ondula e depois desaparece. A vida é uma passagem.

O cotidiano parece total enquanto os sonhos ou os estágios sem forma parecem menos reais, mas a realidade do mundo material é tão ou mais transitória do que a percepção ao sonhar, apesar da aparência ser estável e contínua.

No mundo dos sonhos, se você perder um braço, pode nascer uma garra, outro braço ou o que quiser no lugar. Também não se morre nos sonhos. A forma só se transforma em outra coisa.

Já no mundo material, o nosso veículo físico não se restaura tão facilmente e nós rompemos para a morte. De fato, a vida não morre. Nosso personagem e nossa aparência se rompem, mas o que somos em essência de vida torna-se em outra coisa, como tudo na natureza: o que fomos em vida se torna alimento para outras existências.

Se observamos esse princípio de transformação, os sonhos trazem uma realidade mais próxima do mistério da vida do que a nossa existência material. Enquanto nossa materialidade mais densa sonha os sonhos ao adormecer, a nossa sutileza do sonhar sonha a materialidade na nossa trajetória humana desde a fecundação no útero de nossa mãe até nossa última respiração no momento da morte.

Quando separamos os mundos de atenções e fenômenos distintos, fragmentamos-nos em várias partes e acabamos rompendo o potencial que nos foi confiado dos antepassados como navegantes da bolha espaço-tempo. Este processo cria vícios de percepção e vai nos distanciando do mistério original de onde o mundo emerge, assim criamos uma identificação pela nossa forma humana e deixamos de dar atenção aos outros aspectos mais sutis da existência.

Existimos por um tempo mergulhando em vários mundos, voltando a ser infinito no relaxamento entre o dormir e o sonhar, e depois em ser potência de criação durante o sonhar nas diferentes existências em que transitamos: a densidade material, a interação com o ambiente, os sentimentos, os pensamentos, os sonhos, as bordas infinitas e os mistérios sem forma.

Este é o motivo pelo qual os fangshi não gostam de projeção astral: ela prende a sensação de existir através do corpo material e a carrega para estágios mais sutis de percepção, ao invés de liberar essas identificações e permitir que o veículo se construa como um diálogo ao mistério que se apresenta.

O corpo material que temos é um dos aspectos do mistério em nós, e é importante poder liberar a nossa sensação de existência humana para podermos navegar o infinito como o próprio infinito navegando em si, sendo a nossa humanidade um dos aspectos da nossa diversidade.

Quando fragmentamos as pontes do mistério em nós, nos distanciamos cada vez mais da nossa natureza ancestral que não é separada de nada, é unidade com o princípio misterioso de onde flui a fonte da vida. Este é o caminho dos imortais de Kunlun.

Ao mesmo tempo, é importante nos fragmentarmos para dar atenção maior a algum processo. O problema é romper as pontes e se esquecer delas.

Ao esquecermos que somos a vida, independente da forma que assumimos, deixamos de perceber a vida que flui em todos os seres e formas, perdemos o respeito e a capacidade de proteger e cuidar do que é vivo, de sentir, respeitar e honrar cada sacrifício, cada oferenda e cada presença, cada liberação. Desta forma, também nos esquecemos de nós mesmos. Desaparecemos com a morte do nosso personagem humano, comprimindo a sensibilidade da vida em apenas um de nossos aspectos, esquecendo do que em nós não morre e dando valor absoluto ao que perece com o tempo.

Ao invés de comungar a respirar com a vida, passamos a tentar controlá-la, sem nunca ter existido essa necessidade. Desta forma, é impossível relaxar e sem relaxar, não é possível se conectar com a raiz do mistério profundo.

Quanto mais se luta contra a vida, mais distante se fica de poder senti-la e navegar com ela pelos muitos mundos da existência.

O mundo manifesto é absoluto, nele estão as portas para o infinito.

Oitavo Portal: Pilar dos Mistérios

Toda forma do mundo é sagrada e, por meio delas, o mistério se expressa e se revela como uma oferenda a si mesmo através de diferentes nomes, rituais e estruturas para comunicação com o mistério em nós. Não há algo superior ou inferior, apesar de existirem métodos mais ou menos refinados. Em essência, isso não significa que nosso coração vai se abrir pelo grau de refinamento da prática, ele se abre ao sentir a vida de acordo com nossas conexões no nosso momento de vida, e isto não pode ser forçado. Nem a dor e sofrimento conseguem forçar o coração a se abrir para algo, ele se abre pelo espaço e se torna a própria existência, a própria experiência e a própria oferenda a vida.

Ao mesmo tempo, tudo o que adquire existência se torna vulnerável, frágil, pode ser diminuído, ofendido, desrespeitado e destruído. Em contraposição à natureza imparável do espírito, a forma é frágil por natureza, como um pote capaz de conter vento, água, calor e tantos outros elementos e que os libera ao ser rompido.

Sabendo da fragilidade da forma, esta se torna a nossa força apenas por lembrar que, se não cuidamos da nossa saúde, das nossas vulnerabilidades, da nossa pequenez e ignorância, esses pontos podem levar à nossa ruína. Em essência, a força da vida está justamente na sua fragilidade.

Se algo não for fraco, não pode se fortalecer. Se algo não for esquecido, não pode ser lembrado. Aqui há a importância de invocar imaterialidades das mais diversas para auxiliar nos processos de vida, criando espaços que ainda não existem, construindo e refinando possibilidades e novas formas, dando nascimento a novos mundos e também liberando mundos antigos da esfera existencial através destas criações e trabalho constante.

Somos em essência um pote de invocação de inteligências, como um palco sagrado onde a maravilha e o horror podem fazer seus caminhos, onde o controle e o descontrole dialogam, e onde o conhecido e o desconhecido vão dançando e se refinando mutuamente.

Sem a existência não há o mistério. Sem o mistério não há existência.

Esta dança cria, sustenta e libera todas as coisas.

Ser no mundo aquilo que se quer espelhar nele, o caminho e o pilar da existência do que se sente que é importante que exista. Sem a firmeza, não existimos aqui, dar nascimento ao que sente que falta é o pilar fundamental do mistério. É importante ser a tradição, os hábitos, os comportamentos e seguir o caminho natural. O que não se sustenta, também não existe.

Nono Portal: Culto aos Ancestrais

As memórias e imagens surgem e condensam, interagindo até se tornarem materialidade. Para surgir uma paisagem, muitas memórias e muitos processos se unem e se refinam ao longo do tempo. E então cada memória, cada sensação, pensamento, delírio e sentimento são sagrados para que aos poucos a realidade se estabeleça dentro do tempo e espaço.

Esse é o fundamento da ancestralidade: a transmissão das memórias e como elas se modificam de acordo com as necessidades vivas de cada tempo.

Nossos antepassados são muito importantes para que possamos hoje sentir e refletir sobre o que gostamos, o que não gostamos, com o que concordamos ou com o que não concordamos. Sem esses pontos fundamentais de firmeza, nós não conseguimos negar e nem afirmar nada.

Então não é necessário concordar com nossos antepassados. Como um representante da vida, cada ser pode sentir por si. Porém, a capacidade dessa sensorialidade só é possível por ter existido um caminho com o qual se possa estar de acordo ou não.

Da mesma forma, recebemos o coração de nossos pais. Herdamos a capacidade de sentir mediante a amorosidade, violência e até mesmo de abandono. Há famílias que possuem métodos muito agressivos de transmitirem suas memórias, outras já nem se lembram mais das virtudes, pois não foram nutridas com elas.

Os fangshi consideram “pessoas quebradas” aquelas onde as divindades primordiais como o respeito, o afeto, a lucidez e outras forças não estão bem elaboradas. Por isso é importante o estudo dos antepassados, não apenas os consanguíneos. É relevante poder sentir essas e outras forças fundamentais da criação do universo, tanto as de criação e de preservação, quanto as de destruição. Esses são os deuses de Kunlun, são sensações tidas como memórias de onde o universo emana. Podemos nos unir a elas e restabelecer em nós essas sensações como guias.

Sem essas estruturações ficamos muito limitados no mundo e muitas vezes presos em nossas confusões ancestrais, sem poder criar novos espaços e novas formas de sentir a vida.

Há também as pessoas que reprimem as próprias sensações e as dos outros seres, se preenchendo de miséria e achando que podem ditar como cada pessoa lida ou cultua sua própria ancestralidade; isso se dá a um coração cheio de miséria.

A natureza é vasta e diversa, não precisamos gostar e nem aprovar, isto é parte da nossa natureza também, o que não quer dizer necessariamente que haja uma forma correta de interagir com a própria vida e a dos demais. Podemos encontrar meios menos danosos e mais prazerosos, mas não somos obrigados nem pela doença e nem pela destruição a mudar. A mudança só ocorre verdadeiramente quando sentimos profundamente no nosso ser que até onde chegamos não é o suficiente e aí nos abrimos a outras referências.

Não é a prática que faz essa transformação, ela apenas oferece outras referências. Podemos nos inundar com elas e nutrir nosso ser, mas isso não é uma garantia de nada. O trabalho de se observar e se rever é diário e constante.

Para os fangshi, as divindades ancestrais não estão acima de nós. Nós é que as fazemos existir dando forma e vida a elas, ligando o nosso corpo e o nosso coração nesse diálogo da criação desses espaços. Por mais que essas forças estejam diluídas na natureza, elas só se tornam uma força inteligível aos humanos quando dialogamos com elas de forma estruturada. Não há comunicação sem forma e sem dialogar com elas.

Dialogar não é se prender ao certo e errado, não é impor e nem agredir, é um processo de respiração. A vida pode judiar, mas aprender e estruturar algo é opcional, independente do preço. Não adianta gritar, não adianta chorar, não adianta tentar fugir, o caminho para desvelar-se parte de um mergulho profundo nos espaços que existem entre as formas e as memórias ancestrais, reconhecendo essa escuridão profunda como o veículo ancestral de onde tudo pode ser criado. Depois, até mesmo essa escuridão precisa ser liberada de qualquer função.

Meus ancestrais são o calor, a luminosidade, o vento, o raio, o respeito, o amor, a lucidez, a capacidade de me irritar, de sentir medo, de me desligar de algo que me machuca, entre tantos outros. Há nomes tradicionais para eles, mas, muito mais importante que um nome, é o que eles espelham nutrindo a minha própria existência e daqueles ao meu redor que também buscam esses conhecimentos escancarados no mundo e, justamente por isso, tão escondidos. Dentro do culto fangshi, todas as divindades que invocamos são um espaço para cultuar nossos antepassados, não é algo fora de nós, é a partir de nós de onde se constrói, nutre e se alimenta essa força para colher os benefícios e corrigir o que for preciso.

Ancestralidade é a pedra fundamental de onde nascem e onde morrem os mundos em suas possibilidades quase infinitas.

Toda memória, toda sensação, tudo o que veio antes e virá depois nesse, nos outros mundos e no mistério profundo infinito, são meus ancestrais e onde eu firmo meu coração. Neste espelho do coração para coração, eu me lembro da minha força.

Resumo dos portais e fundamentos de firmeza no corpo para defesa

As deidades ancestrais regentes destes conhecimentos são conhecidas como Tian Guan - o juiz celestial, protetor da Estrela de Nove Pontas, que une superior e inferior como aspectos da mesma força misteriosa em diferentes formas, representado no corpo pelo que chamamos de Nove Pulsos ou Nove Corações.

Os termos utilizados estão grafados no pergaminho do Corpo Verdadeiro - Xiu Zhen Tu

Exaltado: pés - semente da realização
Celestial: joelhos - filtro dos desejos
Espiritual: virilha - observação do mundo natural
O mais alto: umbigo - selamento dos venenos
Misterioso: coração - reza de nutrição
Imortal: timo - experiência direta
Ótimo: garganta - pontes dos mundos
Vazio: ombros - pilares do mistério
Culminante: pineal - culto aos ancestrais

Resumo dos Nove Portais: cuidar da semente viva em nós, cuidar dos desejos e suas consequências, observar o mundo natural sem distorção, proteger o corpo dos venenos e canalizá-los de forma lúcida, se nutrir com fluxo em suas diversidades, experienciar a vida de forma direta, navegar pelos mundos com integridade, lembrar da sua raiz misteriosa e sustentar o próprio caminho, trabalhar a ancestralidade para que ela seja sua força e defesa de vida. Esta é a fundação do caminho Fangshi, conforme transmitido oralmente desde tempos imemoráveis.

Com carinho,
Monge Tai Yin Yi - um dos guardiões da tradição de Kunlun